



Um grande traque para essas bestas que alimentam guerras para se alimentarem delas e viva a paz.

# A PAZ de ARISTÓFANES

M/12 ANOS

23 A 26 DE MAIO  
às 21H30 no LARGO DA COPA

ENCENAÇÃO FERNANDO MORA RAMOS

INTERPRETAÇÃO: GUERRA ISABEL LOPES | REFREGA RAQUEL MONTEIRO  
FILHAS DE TRIGEU CAROLINA ROSA\* E MATILDE FIALHO | VENDEDORA DE  
INFUSAS NEUZA NUNES\* | VENDEDORA DE FOICES TERESA PAULA | TRIGEU  
VICTOR SANTOS | HERMES ALEXANDRE CALÇADA | SEGUNDO ESCRAVO  
FÁBIO COSTA | PRIMEIRO ESCRAVO JOSÉ FERREIRA | HIÉROCLES JOSÉ CAR-  
LOS FARIA | CORIFEU CARLOS BORGES | DEUSA DA PAZ CIBELE MAÇAS  
DEUSA DA FOLGANÇA DIANA GATA | DEUSA DOS FRUTOS MAFALDA TAVEIRA\*\*  
CORO NUNO MACHADO, MANUEL FREIRE, MANUEL GIL E OS ALUNOS DA  
UNIVERSIDADE SÉNIOR ANTÓNIO VICENTE, LUÍS COUTO, FILIPE FERREIRA,  
FERNANDO RODRIGUES, VÍTOR DUARTE E VIRGÍLIO PIMENTA

\* ALUNAS ESTAGIÁRIAS DO 3.º ANO DO CURSO DE TEATRO DA ESAD/CR

\*\* ALUNA DO 2.º ANO DO CURSO DE TEATRO DA ESTC/LX

ADAPTAÇÃO DE FERNANDO MORA RAMOS E ISABEL LOPES A PARTIR DA TRADUÇÃO DE MARIA  
DE FÁTIMA SOUSA E SILVA | DRAMATURGIA E LETRA DA CANÇÃO ISABEL LOPES | ASSISTENTE  
DE ENCENAÇÃO NUNO MACHADO | CENOGRAFIA JOSÉ CARLOS FARIA | FIGURINOS ISABEL  
LOPES E JOSÉ CARLOS FARIA | DESENHO DE SOM FRANCISCO LEAL | ILUMINAÇÃO JORGE  
RIBEIRO | MÚSICA FERNANDO LOPES E ANTÓNIO JOSÉ XAVIER | MARCHA FINAL FERNANDO  
LOPES | CANÇÃO PAULO VAZ DE CARVALHO | MÚSICOS ANTÓNIO JOSÉ XAVIER, FERNANDO  
LOPES E IVO SANTOS | TRATAMENTO PLÁSTICO DA CENOGRAFIA, ESCARAVELHO, ALTAR DAS  
LIBAÇÕES E TAÇA DE OURO RUI ALVES | ADEREÇOS (FALO GIGANTE, FALOS DO CORO E CHAPÉU  
DO HERMES) MARIANA SAMPAIO | OPERAÇÃO DE SOM FRANCISCO LEAL | OPERAÇÃO DE LUZ  
FILIPE LOPES | MONTAGEM DE LUZ FILIPE LOPES E ANTÓNIO ANUNCIAÇÃO | ASSISTENTE DE  
LUZ E SOM SANDRA TEIXEIRA (VOLUNTARIADO)

DIREÇÃO DE PRODUÇÃO ANA PEREIRA | COMUNICAÇÃO NUNO MACHADO | IMAGEM PINTOR  
JOCHEN BUSTORFF | DESIGN GRÁFICO JOSÉ SERRÃO | FOTOGRAFIA MARGARIDA ARAÚJO  
ASSISTENTE DE PRODUÇÃO E SECRETARIADO GERAL TERESA ALMEIDA

COSTUREIRAS AIDA PEDRO E ÂNGELA VICENTE | MONTAGEM DE SOM LOURISOM | CONSTRUÇÃO  
DO CENÁRIO FAST-MADE, L.<sup>DA</sup> | ANDAIMES CONTUBOS | BANCADAS PALCO E BANCADA | TRANS-  
PORTES CARREIRA & SILVA, L.<sup>DA</sup>

AGRADECIMENTOS JUNTA DE FREGUESIA DE N.ª SENHORA DO PÓPULO, COTO E SÃO GREGÓRIO,  
CENTRO DE ARTES DE CALDAS DA RAINHA, RANCHO AS CEIFEIRAS DA FANADIA, SÉRGIO  
PEREIRA, FILOMENA OLIVEIRA, INÊS PEREIRA E MARIA AMÉLIA FONSECA.

APOIOS À COMUNICAÇÃO

Gazeta das Caldas JORNAL CALDAS



INFORMAÇÕES 262 823 302 | 966 186 871

www.teatro-da-rainha.com

comunicacao@teatro-da-rainha.com

COMPANHIA FINANCIADA POR:



em baixo e em cima,  
por cima e por baixo,  
camasutrando de todas  
as maneiras possíveis,  
a vida explodia quando  
a paz havia.

## PAZ E TRAQUES:

### o escaravelho libertador

A Paz é uma peça cômica. De um có-  
mico escatológico. A humanidade começa  
num cosmos chamado baixo ventre. De en-  
tre as pernas e entre ambas elas entrelaça-  
das o mundo surgirá — depois de alguma  
ginástica natatória num mar de dentro,  
o amniótico — um valente berro, mesmo  
dois sucedendo-se. A vida começa com uma  
palmada no rabo.

O que é hoje meio escondido — é um  
oculto activo (a pornografia), indústria  
primeira na economia mundial, como a  
droga, substâncias primeiras deste capi-  
talismo hiper-agressivo que veio com a  
dama de ferro e o pistoleiro americano —  
era entre os gregos graça diária, pilhé-  
ria constante, liberdade dos corpos — as  
hierarquias eram outras e a democracia  
erguia-se sobre males de raiz, sabemos.

A palavra sem picante não pegava,  
nem de estaca nem de semente, tinha um  
valor absoluto e era solta, em crescendo  
de se revelar as qualidades que continha  
— as imagens ainda não eram as dos *media*  
electrónicos, televisivos e só na pedra e na  
impressão em madeira era caligrafada, gra-  
vada na cera, impressa em papiro.

Sexo e palavra, mais que parentes eram  
um fluxo comum, menos devedores de teias  
de interpretação teológica a catecismar  
criminalizando as consciências de pecami-  
noso o que era e é apenas só guloso,

amoroso. A igreja não tinha ainda imposto  
o cinto de castidade, nem o conto da casti-  
dade: pecávamos, os humanos, sem neces-  
sidade de redenção. O amor era amar, vivia  
no vitalismo associado a ser-se humano,  
dotado de inteligência e libido, contradição  
motora de almas — em cada um de nós há  
um animal, diz a canção, uma cobra, uma  
fenda, uma amora preta. Os corpos falavam  
então alto — agora falam dólares, há muita  
venalidade no comércio d'almas que os cor-  
pos transportam.

Em baixo e em cima, por cima e por bai-  
xo, camasutrando de todas as maneiras pos-  
síveis, a vida explodia quando a paz havia.  
Os seres eram mais livres de pre-conceito e  
buscavam conceitos para se entenderem, o  
conhece-te a ti mesmo? Como saber? Mas as-  
sim parece ser. Em alguns aspectos a história  
é regressão. Pois, os gregos inventaram a de-  
mocracia e não desinventaram a escravatura.  
Mas o fenómeno é menos básico do que  
parece, não é chapa cinco como convém a  
quem não gosta de pensar mas quer ter tudo  
arrumado no cérebro, como se este fossem  
gavetas e zonas neuronais arranjadas por um  
jardineiro da psique em auto-terapia.

Como modelo continuamos na Grécia.  
Aliás com a queda dos chamados socialis-  
mos reais esse modelo regressa com força  
matriz, como a Revolução Francesa e a Co-  
muna de Paris, mesmo que a França seja hoje  
a tristeza que é, com as Lepenesis e outros  
no género.

Mas a peça chama-se *A paz*, não se chama  
*As bacantes*, nem propõe nenhuma espécie  
de desregra que não seja amorosa, diria gas-  
tero-amorosa — e baseada numa agricultura  
sentido da vida, uma agricultura modo de  
vida. A paz é identificada pela tripla Folgân-  
ça, em actualês seria Curtição, pela Deusa  
dos Frutos, hoje dir-se-ia Deusa das Formas  
Boas (Marylin) e pela Paz propriamente dita,  
aquela que existindo pelo que é (ausência de  
guerra) tudo permite: a festa constante, as  
actividades produtivas, o gozo das estações,  
o que funda os sentidos da vida: o prazer do  
amor, os prazeres do corpo, do convívio dan-  
çado, da conversa, do copo, da lareira e da  
colheita, do vinho, do outro em que me com-  
pleto, do outro que quero conhecer.

Um lavrador Trigueu, farto da Guerra vai  
ter com Zeus para lhe pedir que conceda a  
Paz aos humanos. A Guerra do Peloponeso  
durava há muito e continuaria depois de uma  
paz curta. E quem lá está, no Olimpo, a tra-  
tar dos tarecos dos deuses, é um deus ama-  
do, popular, Hermes. Hermes faz negócios.  
Trigueu consegue comprá-lo para a perspecti-  
va de desenterrar a Paz pelo preço de umas  
carnes, de uma taça de ouro e de vinho. Mas  
antes foi necessário inventar o modo de voar.  
Como? Se na visão trágica abundam os Pé-  
gasos, na comédia vai-se de escaravelho. E o  
que come o escaravelho? Um combustível  
barato e bem mais mal cheiroso que outros:  
trampa. Ora há portanto orçamento para  
esta aventura espacial e não é necessária au-  
torização do Centeno. A merda é nossa, é de  
todos, é um bem comum.

Este o tom da brincadeira. Mas a brinca-  
deira é séria: não estamos hoje imersos em  
guerra constante? E não temos na frente dos  
países generais ou quem gostaria de sê-lo a  
querer esmagar cidades e países com os seus  
pilões? Quem é este Trump senão um Cléon  
(general ateniense empregado na guerra,  
pois) empreiteiro, comerciante, nacionalista  
e bestial? Vimo-lo no Iraque e vê-mo-lo na  
Síria: se de um lado há ditaduras, do outro  
há potência imperial destrutiva e luta entre  
potências — venha o diabo e escolha, a escolha  
não está entre uma coisa e outra, é outra coisa.

As verdadeiras tradições do Ocidente  
são as desta Paz do Aristófanes, são as da  
criação produtiva, as da cultura que emanci-  
pa e não oprime. O mundo não está melhor  
nem no Iraque, nem no Afeganistão, nem  
na Líbia, nem na Palestina, nem, nem, nem.  
Não haverá outras vias, as que sejam mesmo  
as da Paz. Porquê este desprezo da diploma-  
cia a que assistimos e esta sempre imposição  
da lei do mais forte?

Que diz Aristófanes?

Um grande traque para essas bestas que  
alimentam guerras para se alimentarem de-  
las. E viva a Paz.

O contributo do teatro só pode ser este,  
desvelar por um lado e por outro criar vida.  
Essa é a maior das artes: viver.

FERNANDO MORA RAMOS

foi necessário  
inventar o  
modo de voar.  
como?  
se há visão  
trágica  
abundam  
os pegados  
na comédia  
vai-se de  
escaravelho.  
e o que come  
o escaravelho?  
um  
combustível  
barato e bem  
mais mal  
cheiroso  
que outros:  
trampa.  
ora há  
portanto  
orçamento  
para esta  
aventura  
espacial...  
a merda  
é nossa,  
é de todos,  
e um bem  
comum.

